

1912

Janeiro 27



N.º 2

Volume 1.º

# A MASCARA

Arte—Vida—Theatro

POR

MANOEL DE SOUSA PINTO

50 Réis

LIVRARIA FERIN, EDITORA  
Baptista, Torres & C<sup>ia</sup>  
70, Rua Nova do Almada, 74  
LISBOA





ALABAMA

1864

THE UNIVERSITY OF ALABAMA

LIBRARY





# A MASCARA

Arte — Vida — Theatro

Lisboa 27 de Janeiro de 1912

IV — Loïe Fuller em Lisboa: Da mocidade da sua arte luminosa, da hedionda velhice do seu corpo, e dos bailados musicaes das suas creanças. (Theatro da Republica 19, 20 e 21 de Janeiro)

**O** “respeitavel,, d’esta fluvial cidade do fandango, quando, nas paredes e nos jornaes, lhe entram os reclamos e os cartazes de annunciar um qualquer novo espectaculo coreographico, enceta logo, conscienciosamente, o doce trabalho de imaginar uma ou varias dançarinas á semelhança e feição dos seus restrictos conhecimentos no assumpto, á imagem e á medida do seu carnalissimo desejo de meneios provocadores e abregeirados.

Segundo a repetida sentença, o primeiro, indeclinavel dever de uma bailarina consiste em ser bem feita, pois, correspondendo a dança, na sua quasi generalidade, á arte mais nua, força se torna que o seu nu seja o mais bello.

Para a opinião exclusivista e ardente do publico lisboeta, porem, não basta — nada vale, talvez — a belleza das formas. Impõe-lhes que, alem de correctas, perfeitas — até mesmo sem nenhum d’esses requisitos — sejam vistosas, boas, na planturosa accepção com que, ao pronunciar este ultimo adjectivo, o alfacinha — sempre indesconvencivelmente persuadido de ser uma belleza d’homem — lhes avoluma adiposamente as superficies e rotundamente lhes proemine as curvas.

Um palminho de cara matador, como diria um classico



hespanhol do seculo d'ouro, não lhe abonda, nem o satisfaz. Quer patriotismo desbordante e quer nalgas a dar-a-dar.

Para o seu criterio rudimentar, bailar é o saracoteio desengonçado, o remexido rebolar enxundioso dos bustos amplos e das solidas garupas.

A existir um dia, a lusa Terpsychore ha de ser calypigia.

O musulmano via na belleza: "uma promessa de felicidade,,. O lusitano, esse, pretende reduzir a belleza da dança a uma promessa de luxuria unctuosa.

Comprehenderia entusiasticamente as bailadeiras da India, nos seus bailes lentos, mornos, pezados, como tardes de trovoadas. Detesta, porem, as Tanagras esbeltas, flexuosas, elegantissimas.

Apreciando a roliça esphericidade das aboboras, nedias, á luz das ribaltas, como, ao sol, sobre os telheiros, abomina dos juncos, obedientes á musica, como os da beira d'agua ao vento.

As bailarinas franzinas, mimosas, de corpo elastico e membros graciosos, ainda que de formusura universalmente apreçoada e notoria habilidade, não logram despertar por cá o applauso, salvo quando, por ventura, recorrendo em magna proporção aos bailes espevitantes, lhe fazem passar pela espinhal medulla a irresistivel cocega voluptuosa.

Para prova d'esta affirmação, temos aqui tido, por exemplo, e por varias vezes, delirantemente victoriada, a Imperio, agora em pendencia de desquite com seu quiteador e, ao que parece, inconstante, ou mal baptisado, marido, *El Gallito*, rabi-choso *Chantecler* dos redondeis, de quem, sem licença do roseo-calvo avicultor de Cambo, e com inveja de muito boa gente, ella, foi, raptada, a ephemera e tanguedeira faisôa; convindo, no emtanto, notar que a essa gentilissima Pastora, dos devairados olhos, muito a favoreceu a pronunciada sympathia lisbonense pelos requebros picantes, realistas e oléados do *flamenco* da velha Vandalia — terra de castanholas, onde, desde immemoriaes tempos, lubricamente se baila.

Do primeiro caso, de dançadoras formosas, suscitando em Lisboa um silencio gelado ou alvares pateadas clamorosas, não faltam tambem, infelizmente, exemplos numerosos. Bas-



tará lembrar Rita Sacchetto, a encantadora creatura das lindas vestes, desamavelmente recebida no antigo D. Amelia; Cléo de Merode, vendavalizada no Colyseu dos Recreios sob uma borrasca estrepitosa; e até dentro dos favorecidos dominios do *sapateao* e da *farruca*, Paz Calzado, uma nascente estrella.

Fóra d'essa sua já frisada predilecção pela dança hespanhola mais espuria, o portuguez manifesta uma insensibilidade verdadeiramente glacial e lastimosa ante a belleza admiravel d'essa admiravel arte da estatuaria animada, que é a dança — arte maravilhosa, hoje em dia renascida, em que o corpo humano, e sobretudo o corpo feminino — obra-prima conspurcada pelas mentiras da moda, da religião e da moral — de novo se exalça á pureza divina dos originarios tempos civilisados; pela qual a viva carne ganha a eurythmia gloriosa das estatuas; com a qual o sangue, os nervos, os musculos, os ossos, as formas, se volvem instrumentos d'arte inegalaveis; e em cujas successivas, melodiosas, renovadas attitudes, ha a visão deslumbradora de todos os marmores de todos os museus, de todos os frisos de todos os templos, e de cem mil outros marmores que se não resuscitaram ainda ou ainda se não fizeram.

Como tinham razão os velhos povos em improvisar danças sagradas em honra dos seus deuses!

É, sem duvida, bello — quando as palavras tambem o são — o som da voz humana, erguida ao ceo em supplica, como fumo evolado do incensorio dos labios afervorados. Mas a dança, subindo cadenciada da terra, como uma nascente d'agua inquieta vinda do seu amago, é a mais bella das orações.

Estou em que, com todo o seu esplendor, a *Oração da Acropole* do hellenico francez, não valeria tanto, em confronto com o bailado esplendoroso e evocador, paganissimo, com que uma bailarina de genio — e já se registam tentativas d'essa ordem — saudasse em extasiados rythmos extasiantes, com extasiadoras formas descobertas, na collina sacrosanta de Athenas, esse cofre arruinado e soberbo da alma grega.

«A dança — escreveu-o — Baudelaire na sua estreia — está



tão acima da musica, para certas organizações, apesar de tudo, pagãs, como o visível e o creado estão, para as mesmas, superiores ao invisível e ao increado. Só aquelles a quem a musica suggere ideias de pintura me poderão comprehender. A dança pode revelar tudo quanto a musica encerra de mysterioso, e tem, sobre ella, o merito de ser humana e palpavel. A dança é poesia: a poesia dos braços e das pernas. É a materia, graciosa e terrivel, animada, embellecida pelo movimento».

A seu modo, o vate satânico das *Flores do Mal* prophetisava, presentia, a hodierna renascença da arte por excellencia humanamente bella, que é dançar — arte talvez ainda mais dignificadora que a esculptura, pois se esta, afeiçoando a pedra tosca, a eleva, em seus grosseiros bloccos, até ao prestigio maior da figura humana, ao triumpho do sonho mais alto na rudeza mais rasteira, destaca aquella, a dança, da pedreira já de si formosa dos corpos humanos, a graça humanissima das attitudes immortaes.

Uma, das pedras faz estatuas. A outra, multiplica cada estatua em centenas de inflexões.

Sem o vago impreciso, que é a alma da musica, é a dança a musica dos corpos, e por isso Lemaître, que não pecca de frivolo, affirmou que ella «pode emocionar-nos tão mysteriosa e profundamente como a musica, e do mesmo modo».

Considerações são estas que nove decimos do publico portuguez se mostra incapaz de sancionar por emquanto. A dança de belleza — tão distante da dança de piruetas, como um realejo dista de um maestro — não só o não seduz, nem lhe agrada, mas tem o inexplicavel condão de o irritar, de o indispor.

Disse Pavlowsky que «a bondade age sobre as multidões como um balsamo e a belleza como um agulhão».

Em materia dançante, esse agulhão do director da *Comædia* torna-se, para o publico de cá, em agulhada. Punge o, contunde-o, acirra-o, fa-lo espinotear.

Porquê? Quem o sabe?

Haveria que perscrutar nos meandros mais remotos da ancestralidade, na longinqua barbarie de uma primeva tribu, inimiga de todo o rythmo que não fosse selvagem, barbaramente,



guerreiro e viril, a razão d'esse antagonismo, que, em certos espectáculos de dança moderna — com excepção do apachismo a preto e a encarnado,

... *la valse brune*

*Des chevaliers de la Lune,*

assume, por vezes, um aggressivo grau de hostilidade, que chega a orçar pela mais declarada incompatibilidade.

Nunca, porem, que me lembre, essa incompatibilidade se aproximou tanto do desvario, costeou tão francamente o possesso rancor, como na noite da penultima sexta-feira, em que, no palco do Republica, pela primeira vez se apresentou novamente ao publico de Lisboa Loïe Fuller, acompanhada d'esta vez pelo seu grupo de creanças dançarinas.

O «respeitavel», que soe delirar com as torpissimas explorações, os ambulantes calvarios de vidas em flor, conhecidos pomposamente com o titulo de Companhias Infantis, mal viu assomar no palco as primeiras figurinhas do primeiro numero para dançarem *Au clair de lune* de Beethoven, pareceu cahir das nuvens, e rompeu a protestar, a chalacear, a patear, num protesto grosseiro e crescente, que foi subindo de intensidade até ao assobio, á chufa, ao latido, ao cacarejo, ao zurro e á tourada.

Não sei o que, ao ver annunciados *Bailes classicos* por creanças, phantasiariam os assistentes, para tão subitamente se sentirem logrados ás primeiras notas. Sei apenas que o que nessa noite se passou no Republica, nem por ser uma demonstração irrefragavel de incultura, deixou de, vergonhosamente, revestir todo o character vil de uma selvageria inqualificavel.

Se numa mulher se não deve bater nem com uma flor, as creanças nem com beijos se devem tocar.

Confesso que, ao ver os espectadores, em tripudio, fortalecidos pela escuridão completa da sala, atirar, como cegos fanaticos, o seu odio açulado e implacavel sobre as suaves creanças que, innocentes, bailavam cadencias suavissimas, e tratar com a mofa mais destemperada e irrespeitosa esse idolo



poderoso das chammas: Loïe Fuller — que, sob o aspecto de ter inventado, não formulas novas de uma arte, mas uma arte de todo inedita, pode, a dentro das plasticas artes, dizer-se a maior creadora do seculo XIX — tive a desoladora impressão de estar assistindo a uma authentica *razzia* de iconoclastas energumenos, a uma fogueira ateadada por vandalos em holocausto a um fetiche — e que fetiche, a rotina! — inimigo da belleza.

Foi atroz. Urge esquecê-lo.

\*

Loïe Fuller! Quanta claridade, quanta scintillação, que esplendor!

Agonias rubras de poentes, crepitações de noites tropicaes, relampagos, lucilações, flammancias, reflexos, reverberos, arco-iris, nebulosas, clarões, fulgores, astralidades, phosphorescencias.

Toda a luz!

Brancuras de neve eburnea, rubores de roseiras caras, verdes de oceanos remotos, roxos de indiziveis dores, rubros de batalha no auge, negrumes de cahos, azues de ceos esmaltados, alleluias de perola, madrêporas irisadas, conchas incrustadas, pelles zebradas de tigre, alvinitencias de magnolia, cinzentos de chumbo, corymbos de lilazes, matizes de outomno, seivas de primavera, aurisonancias.

Toda a cor!

Dardejamentos de sol, brazidos de lume, gritos de brazas, violencias de relampago, meteoros, faiscas, foguetes, incendios, explosões, gazes inflammados, chammas de enxofre, lavareadas, coriscos, scentelhas, ardencias de forja, chispas de ferro igneo, fogos fatuos, metaes em fusão, brandões, rosiclères, luzeiros, archotadas, nimbos, vislumbres, resplendores, aureolas, luminarias, diademas, faulhas, aços caldeados, vulcões em ebulição, lavas, estrellas, almenaras.

Todo o fogo!

Todo o fogo, toda a cor, toda a luz! — eis Loïe Fuller, de



quem grande parte da belleza moderna, essencialmente feita de refulgencia e brilho, é devedora — a creadora d'essa tão novissima arte da luz, que, atravez dos seculos, ha de vir a ser uma das glorias mais legitimas dos nossos illuminadissimos tempos, em que a luz diariamente, vertiginosamente, progride, desde o gaz incandescente á docil electricidade, dos mysterios aclaradores dos raios *X*, dos raios *N*, dos raios *Beta*, dos raios *Gamma*, até esse perenne manancial luminoso do *radium* — ja posto á prova de baile por uma bailarina, cujo nome não me occorre.

Não é uma mulher vulgar Loïe Fuller.

Talvez pelo assombroso poder expansivo da força que ella servé convicta e ductilmente maneja, reduzidamente immensa, comprimidamente enorme, de que a popular adivinhação diz, tão bem: «pequenina como uma abelha, enche a casa até á telha», as vibrações luminosas da arte de Loïe Fuller — nascida por um d'esses pequenos acasos providenciaes fecundissimos, num modesto theatro de Nova-York, durante a representação de uma peça *Quack, Medico-Cirurgião* — melhor que as ondas sonoras de Marconi, propagaram-se com tal intensidade a quasi toda a arte contemporanea, que do facto se originou, em esthetica, um verdadeiro movimento.

Pela maior extensão da sua influencia, Loïe Fuller, irmã engenhosa de Edison, o engenhoso, suplanta o wagnerismo, egualando possivelmente, na esphera plastica, a preponderancia de Nietzsche no campo da ideia.

Os maiores nomes da arte hodierna tributaram-lhe vassalagem. Ella inspirou a Rodin um grupo celebre. Foi ella quem suggeriu a Gallé as suas flammejantes ceramicas, a varios outros a transformação dos esmaltes, a Lalique certas reverberações das suas joias, aos tecelões a voga dos tecidos furtacôres, a Liberty muitas das suas sedas. Numerosos pintores se tem inspirado nella. Dannunzio, quando escrevia o *Fuoco*, teve-a no seu palacio, numa sessão de ineditas danças, referida por Jarro no seu *Viaggio Umoristico nei Teatri*. E ao publicar das suas memorias, *Quinze ans de ma vie*, em 1908, é Anatole France quem lhas prefacia, reconhecendo que ella



nos revela «uma forma augusta e nova da belleza», e perfilhando as palavras de Roger Marx, que a saudou como «a mais casta e expressiva das dançarinas, a bella inspirada que em si encontrou e nos restituiu as perdidas maravilhas da mimica grega, a arte d'esses movimentos, ao mesmo tempo voluptuosos e mysticos, que interpretam os phenomenos da natureza e as metamorphoses dos seres».

Por toda a parte, são os criticos d'arte quem melhor aprecia os seus espectaculos, e são os artistas os que a louvam como ella merece.

Ouçamos Camille Mauclair, que ninguem apodará de suspeito: «Voltou-nos mais admiravel do que nunca, a nobre, a hieratica sacerdotiza do fogo puro. Jámais ella havia realizado num tão supremo grau de belleza o milagre da estatuaria incandescente, erguido uma imagem tão fascinante do ser humano evoluindo na magestade da sua forma voluntaria, no vôo vertiginoso e encantador das claridades colhidas de surpresa no laço subtil das gazes, scenario infinito creado em seu torno pela pythonisa, que d'elle se inspira e vibra nelle desvairada, fugindo de vez em quando aterrorisada pelo incendio que ella ateia e renova, levantando-se depois de novo, altiva, entre o holocausto, sombra negra de esculpturaes ademanes, listada das estrias do fogo, semeando-o com um gesto concentrico, destacando do turbilhão luminoso e ardente uma face dolorida e risonha, d'olhos semi-cerrados, perdidos no mysterio! A luz tomba e morre no momento em que se cuidaria ver tombar e morrer o ser esvoaçante que nella se debatia agitando os braços desesperados. Nas trevas novamente dominantes vê-se com espanto nascer uma azulada forma de passaro nocturno batendo e tacteando com a orla das suas azas perclusas contra o muro implacavel da noite: e pouco a pouco vae precisando-se, impondo-se a grande creatura envolta de luar; avança, é, cada vez mais linda até se materialisar num gesso vivo, uma figura como as sonha e acorrenta o genio de Rodin, uma estatua apaixonada, que vagueia, ebria de toda a sombra que bebeu, e que de repente se colore e resplandece num sobressalto de relampago dardejado pelo brazeiro



dos fogos que a cubiçam, emfim chammejante girando sobre si mesma, transformada toda em roda, elypse, flor, calix excepcional, borboleta, ave colossal, esboço multiplo e rapido de todas as formas das floras e das faunas, mal apparecidas, logo fundidas na fusão atemorizante da chamma creadora e mortal que d'ella se apodera com delirio, a idealisa e a faz desfallecer repentinamente na suprema convulsão da sua esplendidez!»

Não, não é uma creatura banal Loïe Fuller, digna apenas de um numero curto de um programma de circo entre cavallos adextrados e esbofeteados palhaços, como o publico de Lisboa extultamente quiz dar a entender.

Um passado como esse glorioso, um futuro como o do seu nome, eterno, não se annullam, nem amesquinham com doestos nem tacões cambaios.

A luz é insensivel ao ruido, e nos pulmões que enchiam a sala vituperante do Republica não havia ar que bastasse para soprar o clarão que Loïe Fuller — a genial luciferaria — irradia e sustem.

\*

D'esta segunda, e provavel, desafortunadamente, ultima vez que nos visita, Loïe Fuller trouxe-nos as suas melhores creações dos ultimos annos: *O Amor-Perfeito*, que me pareceu a menos artistica; a *Dança Azul*, uma variante da primeira, de mais brilho; a *Dança Branca*, de uma refulgencia de diamante; a *Dança do Lyrio*, riquissima de cor; a *Dança ultra-violeta*, que só na segunda noite a deixaram mostrar, e é toda uma hallucinação inenarravel e mysteriosa; *O Passaro Negro*, em que sobre o negrume da tunica toda uma noite phantasiosa de estrellas de constellações, de meteoros, vae passando em deslumbre: *O Grande Lyrio Branco*, com que ella termina o bailado das *Borboletas*, e a transforma, envolta nas azas gigantes do vestido, num lyrio perfeito e colossal a que os projectores transmittem tonalidades suaves de madre-perola; e, finalmente, os seus dois grandes numeros: a *Dança*



do Aço e a do Fogo, cuja narração representaria para quem pretendesse fazê-la um tormento cruel.

Apenas com o tecido das suas amplíssimas vestes e alguns veos de varios formatos, Loïe Fuller, expondo-se ao jorro luminoso projectado de sob o palco atravez de uma placa de vidro reforçante, dá a illusão perfeita de que, ora a lavareda mais devoradora a lambe e consome, ora de que um manto ardente a vem cobrir, ora de que, com um gesto rythmado, ella da chamma se liberta atirando-a de si. Os tecidos que maneja ondulantes ardem, crepitam, flammejam na verdade; a sua mão, quando sobre o fogo a estende, torna-se incandescente; e toda a sua figura, em pasto ás lavaredas, semelha como um corpo a arder já suffocado, sem gemidos, angustiosissimamente. E' verdadeiramente ignea essa sua *Dança do Fogo*.

Na *Dança do Aço*, as roupas volvem-se-lhe de ferro em braza, batido nas bigornas, a golpes energicos de malho. Os finos tecidos revestem o pezo de barras candentes, e ha nelles a perfeita palpitação rubro-loira do metal abrandado pela fornalha. Não é uma bailarina com os seus veos, o que temos deante, no theatro. E', numa fundição, um operario agitando, no abraço mordente das tenazes, placas, chapas, hastes de aço vergaveis em braza viva. Os olhos trepidam ás vezes de olhar o prodigio flammifervente da bruxa incomparavel.— Promethea vencedora—doem-se, tresvariam, anciando por que ella, no final, os dulcifique com a candidez nevada da sua enorme açucena admiravel.

São assim os seus novos bailes. Tem, porem, elles, em toda a sua belleza, um defeito. Na sua primitiva *Dança Serpentina*, Loïe Fuller, então ainda nova e bem formada, era uma dançarina invisivel.

Não se enxergava nem o seu rosto, nem as suas formas. Como d'uma ave voando alto, só se lhe divisavam as azas cambiantes.

Nestas suas danças, d'agora, a bailarina mostra-se bastante, talvez demais, e como em Loïe Fuller, que a ruina invade a olhos vistos, a figura não eguala, sequer de longe, a



phantasia, ha que fazer um grande esforço de imaginação para, ao vê-la tal qual é, podermos continuar a vê-la tal como deveria ser ou como que quereríamos que fosse.

Com o seu rosto esmaltado, gordo, severo, onde os seus olhos azues, quasi cegos, se immobilisam obsediamente fixos, o seu corpo nutrido, robusto desgracioso de «cidadão americano», para empregar uma phrase de João Chagas a proposito do seu espirito, e ainda por cima, ou, melhor dizendo, por baixo, umas calças puritanissimas de panno branco e folho de renda, abaixo do joelho, Loïe Fuller attinge, á luz crua dos fócios, umas horrendas proporções de monstro, ao lado da fada que a sua inegualavel arte suggere.

O valor d'essa sua arte maravilhosa está, principalmente, na cor e na luz. O papel da bailarina é mais secundario. De desejar, por isso, seria que Loïe Fuller nos desse, ao bailar, outra mulher por si — se bem eu reconheça como difficil de achar quem saiba com tal realce, cadencia e valor dar ás tunicas e aos veos os estranhos movimentos que a Fuller lhes imprime, e de mui penoso desgosto para uma artista entregar os segredos da sua arte a mais alguem.

Será castigo dos deuses, será vingança do fogo de que ella se apoderou, da luz que até á ultima scentelha conquistou, a velhice de Loïe Fuller é das coisas mais tristes, horriveis e impressionantes que eu tenho visto.

Suspeitando talvez do prejudicial effeito — na limitada medida em que a qualquer mulher é licito desconfiar de si — rodeia-se agora Loïe Fuller d'um bando encantador de creanças, que, em bailados classicos, inspirados em musicas de bons auctores, Mozart, Beethoven, Rubinstein, Mendelsshon, Schuman, Schubert, são d'um encanto singular, de uma belleza nova, em composição e em rythmo.

Citarei como mais felizes a *Bacchanal* de Rubinstein, a *Marcha Turca* de Mozart, e, ainda de Mozart, *Les Petits riens*, de uma suavidade, leveza e gracilidade notaveis.

São danças, no arranjo, mais preraphaelitas que hellenicis, mais chegadas a Botticelli do que a Lysippo, mas frescas, airozas, tocantes, como um sonho de ante-primavera — razão



pela qual, ainda a estas horas, não acertei com a razão da furia do publico contra ellas, numa aspera, desabrida, torrencial noite de inverno.

Janeiro a patear Abril, mas que disparete!

É verdade que se conta de um violinista genial, que, indo parar ao sertão, onde jámais se havia ouvido uma melodia assim, foi engulido pelos indigenas por tocar muito bem.

A novidade aguçara-lhes o barbaro appetite...

V—*As Nossas Amantes. Comedia em tres actos de Augusto de Castro.* (Theatro da Republica, 3 de Janeiro).

**V**EIU tarde **A Mascara** para fallar, com actualidade, da nova obra do auctor d' *A Religião do Sol*, do *Caminho Perdido*, do *Amor á Antiga*, d' *O Chá das Cinco* e da *Vertigem*, com que, no Republica, fez Adelina Abranches a sua festa em principios do corrente Janeiro. Como, porem, *As Nossas Amantes* de Augusto de Castro, que por signal é da Academia das Sciencias, são a primeira peça e o primeiro original d'este anno I do nascimento d' **A Mascara**, não quer esta deixar de se lhe referir, ainda que rapida e tardiamente.

Augusto de Castro alterna no seu theatro as peças de conflicto — *Caminho Perdido* e *Vertigem* — com as peças de mero passatempo ou de comica allusão, como o eram o *Amor á Antiga* e *O Chá das Cinco*.

Enfileira nesta cathgoria a sua nova producção *As Nossas Amantes* — titulo na verdade obscuro, pois de amantes, esposas, primas, sogras, e tias alli se trata com equal insistencia — muito superior ás antecedentes pelo dialogo e pela movimentação.

A movimentação parece-me, de resto, o peor fraco do seu trabalho. A' força de ouvir dizer e repetir que o theatro é a arte de mexer gente, e que o dramaturgo ou o comediographo, segundo um criterio espalhado, se avaliam pela destreza e facilidade no introduzir e retirar das personagens, deu-se



Augusto de Castro a arranjar em tres actos um verdadeiro motu-continuo.

Ao seu *Amor á Antiga* lembro-me de o ter dito, pouco mais ou menos, um jogo dos quatro cantinhos. Estas *Nossas Amantes* são, pelo entrecruzar das personagens, pelo seu entrar e sahir incessantes, pelo seu vae-vem teimoso, uma quadrilha precipitada. Todos vão, vêm, tornam a ir e a voltar, para dizerem coisas, como nas revistas do anno. E quasi todos, nesta peça acelerada, se limitam a dizer coisas, muitas coisas, coisas de todo o genero, algumas de espirito: outras de paradoxo: *Afinal de contas, o que é um sogro? A femea da sogra!*; de dubio sentido e mau gosto outras; outras de chocarreira graça, como esta do patrão dizer á creada: *A sr.<sup>a</sup> Carolina é mulher...* e ella responder-lhe: *Muito obrigada a V. Ex.<sup>a</sup>*

*As Nossas Amantes* têm, portanto, esses dois graves inconvenientes: corda demais e demasiados ditos, no, que Augusto de Castro se mostra um admirador fervoroso d'esses dois impenitentes e vasis cavaqueadores scenicos, que são Robert de Flers e G. A. de Caillavet.

E' muito franceza a sua peça, apesar do meio nacional em que se passa, e tendo toda essa já notada movimentação de personagens, muito numerosas, tem pouco movimento — toda a peça se adivinha na primeira scena — e ainda menor nucleo de acção. Falta-lhe em contextura o que lhe sobra em palavras.

Quando a pyrotechnia das palestras esfria, e o barulhento esquadrão dos parentes ou das amazias, retirando-se, nos dá treguas, a peça cresce em valor, tendo, nessas breves pausas de cada um dos seus tres actos, algumas scenas delicadas, espiituosas, ou fundamente satyricas, que acreditam em Augusto de Castro um indiscutivel temperamento theatral. Assim, a scena da separação entre *Etelvina* e *Gaspar* no primeiro, a scena de noivado entre *Gaspar* e *Judith* no segundo, a scena conjugal d'estes dois no terceiro, e finalmente, tambem no ultimo, a scena de reconciliação entre *Gaspar* e *Etelvina*.

O entrecho d'*As Nossas Amantes*, como já o dei a entender, é muito simples, quasi nullo. *Gaspar da Veiga*, solteirão abas-



tado, farto da vida estroina — em que, alliaz, *Etelvina*, a sua amante, é a mais pacata, caseira, e ordenada das companheiras — resolve casar para descansar e refazer a saude e a tranquillidade, como um *anjo*, *Judith*, em quem julga encontrar todos os predicados que ambiciona. Casa. Logo nesse dia, a noiva, farta ella agora do seu aborrecimento de solteira, desenrola-lhe um programma exigente de festas, theatros, visitas, jantares, que aterram *Gaspar*, já mais do que aterrado pela ninhada insupportavel dos interminaveis parentes da mulher. Só termina ás quatro da madrugada o salsifré da boda. *Gaspar* cahe de cansado e arde de amor. Quando, porem, — com a noiva, já se vê — se dirige para a appetecida alcova nupcial, um creado adverte-os de que, á falta de mais aposentos, a sogra resolveu cedê-la, por essa noite, ao *sr. Primo Pinto*. Sem quarto onde á vontade arrulhem, os noivos, abrindo a janella, decidem-se, como em *Le Roi*, a ver nascer o sol. Ainda que inverosimil, como quasi toda a obra, a passagem é interessante e de um saboroso, mordente, humorismo.

No terceiro acto, *Gaspar*, installado á força pela familia da noiva num velho escriptorio de advogado, onde, em vez de consultas, dá dinheiro aos clientes, revê com prazer *Etelvina*, a amante com quem rompeu. Vem ella propor lhe, para a correria desabalada do expresso do casamento, o *apeadeiro* repousado das suas caricias temperadas. *Gaspar* recosta-se no seu hombro, disposto a recommençar com prazer o idyllio calmo da sua vida de solteiro, mas de repente, em bicha, entra-lhe a familia toda pela porta a dentro, e, mal dando tempo a que a amante se esconda atraz de um biombo, arrebatam-no contrariadissimo, para um jantar em Cintra com o *Primo Adrião* e a *Prima Gloria*, emquanto *Pedro*, o creado, que afinal é *José* — *que pode ser nome de marido, mas não é nome de creado* — commenta ironico:

— *E lembrar-se a gente de que ha pessoas que casam... para descansar! . . .*

Essa, e uma outra sentença de *Etelvina*: *Afinal de contas, os homens casam para descansar das amantes, e voltam ás amantes, para descansar das mulheres* — são a moralidade da



nova peça de Augusto de Castro, que, com todos os seus defeitos, e as suas exageradas notas caricaturaes, — que o auctor tem cuidadosamente posto em destaque em varias gazetas — possui como merito maior essas duas figurinhas de mulher: *Etelvina*, a mundana arranjada, que leva os solteiros ao matrimonio e os casados á fidelidade, e *Judith*, a burguezinha afidalgada, sem amor, cheia de caprichos, resolvida a converter o marido em empregario dos seus prazeres e divertimentos.

No desempenho, ha que distinguir Brazão, sempre correctissimo na comedia, Adelina Abranches, carinhosa na *Etelvina*, Chaby, num dos seus creados impagaveis, Ferreira da Silva, no marialva namorado da feminista *Tia Chica*, e, com muito destaque, Leonor Faria, verdadeiramente encantadora na *Judith*, que foi para muitos uma revelação.







## A MASCARA

**A**tendendo ás numerosas indicações nesse sentido recebidas, A MASCARA augmenta desde o presente numero o seu typo e o seu formato. Com a mudança, porém, nada perderão as pessoas que desejem mais tarde encadernar o volume, pois breve se reeditará, com o seu novo formato e numeração, o 1.º numero d'A MASCARA.

Essa reedição será distribuída gratuitamente aos assignantes, custando avulso o estabelecido preço de 50 réis.









\*\*\* A MASCARA publicar-se-ha todos os sabbados, desde 15 d'outubro a 15 de julho, em folhetos de 16 a 32 paginas. \*\*\*\*

### PREÇOS

#### AVULSO:

Portugal..... 50 réis  
Brazil..... 250 réis (moeda fraca)

#### ASSIGNATURA (pagamento adeantado):

Cada serie de 10 numeros

Portugal..... 550 réis  
Brazil..... 2\$500 réis (moeda fraca)

☛ Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida á LIVRARIA FERIN, EDITORA. BAPTISTA, TORRES & C<sup>ta</sup>, 70, RUA NOVA DO ALMADA, 74.

☛ A que diga respeito ao auctor para a AVENIDA DA LIBERDADE, 178, 4.º, Esq.º ☛☛☛☛☛☛☛☛

☛ Agentes d'A MASCARA:

☛ COIMBRA — LIVRARIA ACADEMICA de João de Moura Marques — 171, Rua Ferreira Borges, 173. ☛☛☛☛☛☛☛☛☛☛